MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v12i24.17390

O Negacionismo Antivacina e o Alinhamento nos Discursos de Malafaia e Bolsonaro Frente à Pandemia de COVID-19 no Brasil

Anti-vaccine Denialism and Alignment in the Speeches of Malafaia and Bolsonaro Facing the COVID-19 Pandemic in Brazil

Negacionismo Antivacunas y Alineamiento en los Discursos de Malafaia y Bolsonaro frente a la Pandemia de COVID-19 en Brasil

Kelvin Araújo da Nóbrega Dias
Mestre do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (PPGRI UEPB)
E-mail: kelvinkand@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-4987-3934

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (PPGRI UEPB)
E-mail: fabio.f.nobre@servidor.uepb.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2905-0541

Resumo: Este trabalho parte do pressuposto de que os discursos negacionistas, por parte de líderes religiosos, vão ao encontro das posturas da gestão Bolsonaro. Em meio ao conservadorismo político, esses atos de fala representam um fator relevante no movimento antivacina e na hesitação vacinal no Brasil. Dessa forma, trata-se de um estudo de caso, com o objetivo de analisar criticamente os discursos de Silas Malafaia e sua concordância narrativa com Bolsonaro. Para tal, foram utilizadas a Análise Crítica de Discurso (ACD) tridimensional e Análise De Discurso Textualmente Orientada (ADTO), teorizadas por Fairclough. Os eventos

discursivos analisados são do ano de 2021. Não obstante, é contextualizado a formação histórica do conceito "religião" e sua relação com o Estado moderno. Ainda, explica-se o contexto pandêmico brasileiro e o negacionismo. Conclui-se que houve um alinhamento entre as falas de Malafaia e Bolsonaro em direção oposta às orientações da comunidade científica internacional. Ademais, as narrativas apontam para a construção de uma identidade coletiva baseada no nacionalismo religioso. Além disso, as reflexões e ferramentas de Fairclough se mostram relevantes para uma compreensão menos difusa dos fenômenos sociais, além de evidenciar relações de poder que podem estar presentes de maneira subliminar nos discursos hegemônicos.

Palavras-chave: COVID-19; nacionalismo religioso; negacionismo científico.

Abstract: This paper assumes that denialist speeches by religious leaders are in line with the postures of the Bolsonaro administration. Amid political conservatism, these speech acts represent a relevant factor in Brazil's anti-vaccine movement and vaccine hesitancy. Therefore, this is a case study, with the objective of critically analyzing Silas Malafaia's speeches and his narrative agreement with Bolsonaro. To this end, three-e-dimensional Critical Discourse Analysis (CDA) and Textually Oriented Discourse Analysis (ADTO), theorized by Fairclough were used. The discursive events analyzed are from the year 2021. Nevertheless, the historical formation of the concept of "religion" and its relationship with the modern State are contextualized. Also, the Brazilian pandemic context and denialism are explained. It is concluded that there was an alignment between the speeches of Malafaia and Bolsonaro in the opposite direction to the guidelines of the international scientific community. Furthermore, the narratives point to the construction of a collective identity based on religious nationalism. In addition, Fairclough's reflections and tools are relevant for a less diffuse understanding of social phenomena, in addition to highlighting power relations that may be subliminally present in hegemonic discourses.

Keywords: COVID-19; religious nationalism; scientific denialism.

Resumen: Este trabajo se basa en el supuesto de que los discursos negacionistas de los líderes religiosos están en línea con las posturas de la administración Bolsonaro. En medio del conservadurismo político, estos actos de habla representan un factor relevante en el movimiento antivacunas y la vacilación de las vacunas en Brasil. Se trata, pues, de un estudio de caso, con el objetivo de analizar críticamente los discursos de Silas Malafaia y su acuerdo narrativo con Bolsonaro. Para ello se utilizó el Análisis Crítico del Discurso (CDA) tridimensional y el Análisis del Discurso Orientado Textualmente (ADTO), teorizados por Fairclough. Los hechos discursivos analizados son del año 2021. También, se contextualiza la formación histórica del concepto "religión" y su relación con el Estado moderno. Se concluye que hubo un alineamiento entre los discursos de Malafaia y Bolsonaro en sentido contrario a las orientaciones de la comunidad científica internacional. Además, las narrativas apuntan a la construcción de una identidad colectiva basada en el nacionalismo religioso. Por lo tanto, las reflexiones y herramientas de Fairclough son relevantes para una comprensión menos difusa

de los fenómenos sociales, además de resaltar relaciones de poder que pueden estar presentes de manera subliminal en los discursos hegemónicos.

Palabras clave: COVID-19; nacionalismo religioso; negacionismo científico.

Recebido em: 03-08-2023

Aceito em: 22-11-2023

INTRODUÇÃO

O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. À medida que a pandemia de COVID-19 avançava, cientistas de todo o mundo congregaram esforços para desenvolver um imunizante eficaz contra o vírus, que resultou em uma vacina desenvolvida e aprovada rapidamente se comparada a outras (SILVA et al, 2021). Esse processo acelerado se deu pela grande quantidade de cientistas empenhados nas pesquisas relacionadas ao vírus pelo mundo, e o caráter de urgência que a situação demandava, tendo em consideração a alta taxa de transmissão e letalidade que a doença acarreta (PAHO/WHO, 2021).

Em vista disso, no mundo todo muitas pessoas foram céticas em relação aos agentes imunizantes (WHITEHEAD; PERRY, 2020). No Brasil, especificamente, a população foi impulsionada pelos discursos do presidente Jair Bolsonaro e lideranças religiosas (DA SILVA; PIRES; PEREIRA, 2020; FONSECA; DA SILVA, 2020; TAVARES; DE OLIVEIRA JÚNIOR; MAGALHÃES, 2020; DE MATOS, 2021; GRACINO JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021; BRIZUENA, 2021; ROTONDANO; MARTINI, 2021; GUERREIRO; ALMEIDA, 2021), por diversas vezes aderindo a posicionamentos e se organizando em campanhas e/ou no movimento antivacina, enquanto outras têm apenas receio em relação às vacinas, ou seja, uma hesitação vacinal. No entanto, as posturas antivacinas não são um fenômeno recente; um exemplo disso é a Revolta da Vacina durante a campanha de vacinação contra a varíola no Brasil, ocorrida em novembro de 1904 (SEVCENKO, 1984).

Neste raciocínio, o presente artigo se caracteriza como um estudo de caso. É apresentado o panorama histórico da religião com a política. Ainda, como documentadamente, a prática religiosa sofreu uma tentativa de apagamento e marginalização no que diz respeito às tomadas de decisões na política, devido ao projeto secular que emerge junto ao surgimento do Estado moderno/liberal (PETITO; HATZOPOULOS, 2003; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010). Em outras palavras, o liberalismo e o sistema de Estados modernos, por meio do secularismo, deixaram como legado político a separação da religião de outras atividades humanas, relegando esta prática à vida privada.

Desta forma, o conceito de religião usado nesta pesquisa é um desenvolvimento do Estado liberal moderno. Trata-se de um entendimento ocidental do significado de religião. Esta ontologia que distingue o sistema político de Estados europeus, advindo da Paz de Westfália, do que é classificado como religioso no restante do mundo, é um legado colonial. Neste sentido, as reflexões em torno das definições do que seria religião passam por explicações que contemplam outros fenômenos, mas que não são vistos como tais; por exemplo, uma filosofia política, uma determinada cultura ou até o próprio Estado-nação (PETITO; HATZOPOULOS, 2003; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010).

CC BY NC SA

Assim, partindo da hipótese de que há um alinhamento narrativo entre as declarações de Bolsonaro e de pastores evangélicos referentes à pandemia do coronavírus no Brasil, o presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente os discursos de Silas Malafaia realizados no ano de 2021. Diante disso, a pergunta problema é "de que maneira Bolsonaro e lideranças religiosas, como Malafaia, usaram do negacionismo científico e do nacionalismo religioso para tentar manter hierarquias de poder e influenciar a opinião pública?". Para tanto, o modelo tridimensional da Análise Crítica de Discurso (doravante ACD) e a Análise De Discurso Textualmente Orientada (doravante ADTO), teorizadas por Fairclough (1989; 2003), foram as ferramentas adotadas dentre as outras possibilidades no campo de Análise de Conteúdo (GONÇALVES, 2016; CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Este arcabouço teórico-metodológico consiste em duas abordagens de Análise de Discurso. O primeiro modelo, a ACD, é tridimensional e tem como base: texto, prática discursiva e prática social. Não como coisas distintas, pois o texto é simultaneamente uma prática textual, uma prática discursiva e uma prática social. São elementos que fazem parte de um todo numa relação semiótica. O diferencial é cada dimensão de análise focar em diferentes aspectos da relação entre discurso e sociedade. Sendo essa uma relação dialética, isto significa que ora o sujeito se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste, ressignifica e as reconfigura (FAIRCLOUGH, 1989).

O "texto" refere-se ao nível mais superficial da análise proposta por Fairclough (1989). Neste ponto, um texto é qualquer forma de discurso, incluindo artigos de jornais, discursos políticos, anúncios publicitários, etc. A análise do texto concerne a compreensão das escolhas linguísticas para cada pesquisa, abrangendo vocabulário, gramática, estilo, estrutura, metáforas e outras características da linguagem e comunicação. O autor destaca a importância de entender como as questões pertinentes a fala e a palavra em um texto são essenciais na construção do significado, bem como desempenham um papel na expressão de poder e ideologia.

Nesta continuação, a "prática discursiva" (FAIRCLOUGH, 1989) é uma categoria intermediária que se concentra em como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos em contextos sociais específicos. Esta categoria abarca o estudo das normas, convenções e regras que orientam a produção de discursos em uma sociedade. Assim, práticas discursivas podem ser influenciadas por fatores como poder, ideologia, instituições e estruturas sociais.

Nesta sequência, a ferramenta mais completa e profunda deste modelo tridimensional é a "prática social" (FAIRCLOUGH, 1989). Esta categoria se ocupa em compreender a relação do discurso com as estruturas sociais, políticas e culturais. Ela busca entender como as práticas discursivas e os discursos moldam e são moldados por outros fatores como identidade,

desigualdade, poder e controle. O autor explora como as práticas sociais, incluindo discurso e linguagem, desempenham um papel importante no que tange as relações de poder, seja em um processo de transformação ou manutenção.

Dessa forma, estes conceitos de análise mostram relevância, pois tratam a linguagem pela perspectiva multidimensional e dialética do discurso. Estes arcabouços comportam ferramentas conceituais para entender como o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma forma de reproduzir, resistir ou transformar estruturas sociais, poder e ideologia em uma sociedade. As categorias de Fairclough (1989; 2001; 2003) são úteis para revelar as conexões complexas entre a linguagem e o contexto social em que ela ocorre. Assim, é a partir da observação analítica dos eventos discursivos, isto é, por meio da linguagem, que o funcionamento da sociedade e seus aparelhos ideológicos de poder e dominação são tecidos.

Para além do modelo tridimensional, a ADTO, outra corrente de Fairclough (2003), mostra relevância, pois ela se ocupa especialmente em compreender os aspectos textuais do discurso com rigor, pois os efeitos sociais da ideologia são uma das implicações mais fortes do texto. Com base epistêmica do realismo crítico, a ADTO parte do entendimento de que a vida social é um sistema aberto e textualmente mediado. Isto significa que o mundo é racionalizado e sua totalidade não é inteiramente acessível ou observável a um olhar superficial, pois isto não seria interessante para manutenção das estruturas de poder (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Logo, a ADTO tem como fator primordial entender a ideologia como consequência social dos textos e se posiciona como uma forma de crítica ideológica (FAIRCLOUGH, 2001). Portanto, este modelo se preocupa principalmente em explorar as conexões entre os recursos linguísticos utilizados nos textos originais e as dinâmicas simbólicas de poder ideológicas. O foco da ADTO é na análise da estrutura textual, nos elementos linguísticos e nos mecanismos de construção de significado nos escritos, explorando o elo entre texto e ideologia; enquanto o modelo tridimensional se concentra mais nas relações de poder e ideologia presentes no discurso. Ambas as abordagens têm o objetivo de compreender como o discurso funciona, mas enfatizam diferentes dimensões e camadas do processo discursivo.

Isto posto, este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente, são feitas considerações acerca da religião, a construção de seu conceito e o secularismo. Posteriormente, descreve-se o contexto brasileiro referente à pandemia do coronavírus. Em um terceiro momento, são analisados criticamente, por meio da ACD e da ADTO de Fairclough (1989; 2003), os discursos do pastor evangélico Silas Malafaia e sua relação com o bolsonarismo. A escolha de analisar apenas os discursos de Malafaia deu-se porque ele é um dos representantes com maior relevância no meio evangélico, mantém na TV, desde 1985, o programa *Vitória em Cristo* e é dono da editora *Central Gospel* (ALMEIDA; GUERREIRO, 2021).

CC BY NC SA

Pode-se considerar que o religioso mais bem-sucedido, no contexto do empreendedorismo, seja o bispo Edir Macedo, pois além de ser acionista e dono de diversas empresas, é proprietário da Rede Record, uma das maiores redes de TV do Brasil (BURITI, 2015; ALMEIDA; GUERREIRO, 2021). Entretanto, Malafaia merece atenção especial, pois também foi uma figura com grande destaque no tema aqui analisado, tendo chegado a fazer 15 publicações contra a vacinação em um espaço de 24 horas, em um claro endosso ao bolsonarismo (XAVIER, 2021). Além disso, é necessário que a pesquisa tenha seu escopo delimitado para que seja possível maior precisão na análise.

A partir da análise realizada ao longo do artigo, conclui-se que houve um alinhamento nas posturas e eventos discursivos de Bolsonaro e Malafaia a fim de construir uma identidade unitária, nacionalista e religiosa, em detrimento da credibilidade científica. Ademais, é demonstrado que as ferramentas de análise teorizadas por Fairclough (1989; 1995; 2001; 2003), por meio da investigação em discursos hegemônicos, podem proporcionar uma compreensão mais crítica e esclarecida acerca dos problemas sociais, relações de dominação e manutenção de estruturas opressivas.

RELIGIÃO E PROJETO SECULAR DO ESTADO MODERNO

Antes de abordar a relação da religião com o COVID-19, deve-se fazer algumas considerações acerca da trajetória do ente 'religioso', isto é, da definição do que é religião, e o projeto secularista do liberalismo político com a emergência do sistema de Estados soberanos, que tem como marco a Paz de Westfália. O conceito de religião adotado neste trabalho é advindo desse contexto.

A Paz de Westfália, assinada em 1648, é considerada um marco histórico em relação ao início da era moderna e teve um impacto significativo no desenvolvimento do conceito de Estado moderno. A modernidade é um período histórico que começou aproximadamente no final da Idade Média. Ela é caracterizada por uma série de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Alguns de seus principais aspectos, fortemente influenciados pelo liberalismo político, incluem: foco crescente na razão e na ciência como guias superiores; valorização do indivíduo e de seus direitos perante o coletivo; e secularização, ou seja, a separação crescente entre os campos secular e religioso, isto acarretou na diminuição da credibilidade religiosa nas questões políticas e sociais (FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; WILSON; 2009; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010; WAGNER, 2007; SCHMIDT, 2011). Este último ponto é crucial para o argumento deste estudo.

CC BY NC SA

O Estado moderno é uma entidade política caracterizada por território, soberania, governo centralizado e legitimidade. Sua relação com a Paz de Westfália tem a ver com este último ter encerrado a Guerra dos Trinta Anos (conflito da Europa no século XVII). Com isso, este acontecimento foi fundamental na formação do sistema de Estados soberanos que constitui o Sistema Internacional. A Paz de Westfália reconheceu a soberania estatal, cada Estado individualmente foi permitido governar sem a interferência direta de outros Estados ou autoridades religiosas. A ascensão do conceito de Estado soberano moderno está diretamente ligada a isso. Outras características dos Estados modernos em sintonia com a Paz de Westfália são: o princípio de respeitar as fronteiras estatais; e a negociação diplomática pautada no diálogo e no direito internacional em detrimento da resolução de conflito por vias militares. Esse contexto moldou a ordem internacional subsequente (FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; WILSON; 2009; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010; WAGNER, 2007; SCHMIDT, 2011).

Historicamente, é possível observar que a religião, enquanto conceito ocidental, foi instrumentalizada para legitimação de sistemas, relações de poder e ideologias, no qual esses últimos não necessariamente convergem com os valores das religiões, ao menos em sua essência inicial (KING, 1995). Apesar de governos adquirirem legitimidade por meio do apelo religioso, os próprios conceitos de Estado, nação, governo e ideologias podem ser enquadrados no escopo do que classifica uma religião, pois estes também são compostos por sistemas de crenças e ritos. Assim, definir o que é ou não 'religião' é uma classificação tendenciosa usada pelo Ocidente, visto que, ao longo da história, essa definição muda a depender de contextos, interesses particulares, diferentes configurações de poder e autoridade (CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010).

A partir disso, autores (CAVANAUGH, 2009; FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; THOMAS, 2003) defendem que houve a criação de um argumento, por parte do Ocidente, em torno da 'invenção da religião', como um conjunto de doutrinas ou crenças privadas. Esse projeto político deliberado que distingue a religião das outras atividades entendidas como trans-históricas, é denominado como secularismo - o processo de diminuição progressiva da importância acordada à religião, na medida em que o Estado liberal moderno, advindo da Paz de Westfália, se estabelece (FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010). O esquema secularista se caracteriza pela concepção da religião como uma categoria geral, da qual cada uma das religiões é uma espécie, tendo seu próprio conjunto de regras, se tratando de uma atividade do interior de cada indivíduo, pertencente ao âmbito privado e, portanto, essencialmente distinta de outras atividades como economia, política e afins. Ainda, a manifestação religiosa passa a ser considerada como uma atividade opcional,

CC BY NC SA

enquanto a lealdade ao Estado-nação secular é o que une as pessoas e não é opcional (CAVANAUGH, 2009).

Além disso, essa distinção entre religião e política para o estabelecimento do Estado moderno, se trata de uma categorização ideológica, pois o que o Ocidente considerava irracional era chamado de 'religião': as qualidades dos Estados não-ocidentais eram atribuídas aos valores do Ocidente, enquanto os problemas, e o que era considerado 'não civilizado' (como seus sistemas políticos), eram atribuídos às religiões desses povos (PETITO; HATZOPOULOS, 2003; CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010). Partindo de uma perspectiva racional, não existe algo que possa ser chamado de 'religião' que não seja uma classificação enviesada, dado que a distinção religioso-secular também acompanha as dicotomias privado-público, religião-política e igreja-Estado, incluso o monopólio estatal sobre a violência interna e sua expansão colonial (CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010).

Diante disso, o campo das Relações Internacionais (RI) não foi imune à missão do Ocidente que buscava estabelecer o Estado liberal como um projeto universal. É possível observar o eurocentrismo Westfaliano (KAYAOGLU, 2010) nas teorias tradicionais dessa área de estudo, tendo em vista que essas abordagens enxergam o Estado como um ator monolítico e único agente relevante na análise do sistema internacional. Para além dos sistemas binários de análise (privado-público, religião-política e igreja-Estado) e visão do Estado como ator unitário que as RI incorporaram, houve também uma marginalização do elemento 'religião' na produção acadêmica. Neste mesmo sentido, segundo alguns autores (FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; THOMAS, 2003; SHAH; PHILPOT, 2011), o secularismo por não considerar a religião suficientemente importante, refletiu seu legado diretamente nas ciências sociais, incluindo as Relações Internacionais, que rejeitaram a religião enquanto objeto de pesquisa, fazendo com que os estudos e as análises políticas permanecessem incompletos e limitados.

Não obstante, o nacionalismo, outra variável de poder incalculável, e que apresenta a mesma dinâmica de funcionamento da religião nas relações internacionais contemporâneas, também foi negligenciada pelas análises e estudos nessa área de conhecimento (CARLETTI; NOBRE, 2021; RIEFFER, 2003; LITTLE, 2015; HIBBARD, 2015). Destarte, as relações internacionais tomaram forma por meio de um conjunto secularizado de eventos históricos, havendo um declínio da influência religiosa na política em todo o globo. Entretanto, nas últimas décadas houve uma reversão desse fenômeno: a influência religiosa na política cresceu; isso fica mais evidente com os atentados do 11 de setembro de 2001 (SNYDER, 2011; SHAH; PHILPOT, 2011; BECH; SNYDER, 2011).

Desde então, a religião retornou do 'exílio intelectual' e tornou-se um tema central nas discussões sobre política internacional (SNYDER, 2011). Sem embargo, o exílio que a religião sofreu foi apenas no âmbito da academia enquanto categoria de análise, pois essa nunca deixou de impactar os fenômenos sociais e acontecimentos políticos (FOX, 2001; PETITO; HATZOPOULOS, 2003; THOMAS, 2003; SNYDER, 2011; SHAH; PHILPOT, 2011; BECH; SNYDER, 2011).

COVID-19, RELIGIÃO, MOVIMENTO ANTIVACINA E HESITAÇÃO VACINAL NO BRASIL

A partir de pesquisas e relatórios publicados (CIOTTI et al, 2020; PAHO, 2021; FRASER et al, 2021), é aparente que a pandemia de COVID-19 representou, e continua representando, uma ameaça capaz de abalar as estruturas do sistema internacional, da religião e de qualquer outra coisa como se conhece até então. Seu início é datado em 31 de dezembro de 2019, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na República Popular da China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia antes sido documentado em seres humanos. Posteriormente, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Esta nova cepa é altamente contagiosa, responsável por causar o COVID-19 e sua pandemia, testemunha-se ainda, o surgimento de novas variantes (PAHO, 2021).

Em seguida, o Brasil foi classificado como um dos piores países do mundo na gestão da pandemia de COVID-19 (FERIGATO et al, 2020). Um dos pilares que explicam esse cenário é a gestão Bolsonaro e o bolsonarismo, movimento político-ideológico de extrema-direita fundamentado no então presidente. Por diversas vezes, o presidente Bolsonaro e sua gestão não deram a devida importância à pandemia, com diversas declarações que minimizavam os perigos do coronavírus, além de assumir posturas contrárias e negacionistas em relação à comunidade científica internacional (PONCE, 2020; DA SILVA; PIRES; PEREIRA, 2020; FONSECA; DA SILVA, 2020; TAVARES; DE OLIVEIRA JÚNIOR; MAGALHÃES, 2020; DE MATOS, 2021).

Para entender a situação, é necessário observar as tentativas de reforma na estrutura do Estado brasileiro, por parte do bolsonarismo e das lideranças evangélicas, recorrendo ao nacionalismo religioso. O conceito caracteriza-se pela influência da religião na política, a qual contribui para a construção de um sentimento identitário de unidade nacional, evidente nas interpretações dos ideais religiosos e manifestado na ação política (XYPOLIA et al, 2011; JUERGENSMEYER; 1996, 2010).

CC BY NC SA

A análise do fenômeno do nacionalismo religioso é essencial para a compreensão do fortalecimento das reações adversas em relação à vacinação dentro do contexto nacional. Além disso, observa-se que a literatura estabelece uma diferença entre os termos 'movimento antivacina' e 'hesitação vacinal', sendo o primeiro utilizado para descrever aquelas pessoas que realmente se empenham em disseminar informações falsas e, ainda, buscar estratégias para ampliar seu alcance, enquanto o segundo são pessoas que apresentam alguma desconfiança em relação ao(s) imunizante(s); indivíduos que atrasam seu esquema vacinal; ou ainda, aqueles que podem recusar algumas vacinas, mas tomar outras (MACDONALD; SAGE, 2015; MYLAN; HARDMAN, 2021).

No mesmo sentido, parte da literatura (CARLETTI; NOBRE, 2021; RIEFFER, 2003; LITTLE, 2015; HIBBARD, 2015) observa que o nacionalismo e a religião compartilham da mesma dinâmica de funcionamento na atualidade: transitam em âmbitos abstratos e materiais. Em outros termos, perpassam por compartilhamento de valores e se concretizam na realidade, sendo possível observar isso em diversos países, entre eles o Brasil. À vista disso, em um artigo publicado pela *The Lancet*, pesquisadores brasileiros (GALVÃO-CASTRO; CORDEIRO; GOLDENBERG, 2022) denunciam o desmonte da ciência no Brasil, promovido pela gestão Bolsonaro, composto por cortes crescentes no orçamento, ataques à autonomia das universidades e uma política negacionista contra a ciência. Ademais, citam os riscos de "sanções indiretas" a pesquisas que contradizem posições defendidas pelo governo.

O negacionismo científico não é necessariamente o que uniu o bolsonarismo e a igreja evangélica, pois esta relação é complexa e tem várias dimensões. Esta conexão se desenvolveu devido a alguns fatores anteriores, entre eles o conservadorismo religioso e a crença de que Bolsonaro é um defensor dos valores cristãos, da moral e da 'família tradicional' (MARIANO; GERARDI, 2019; ALMEIDA, 2019), pois muitas igrejas protestantes no Brasil assumem posições conservadoras em relação ao aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e educação sexual nas escolas. Essas posições são consistentes com a ideologia conservadora do governo Bolsonaro e podem conquistar simpatia de pessoas praticantes de outras religiões cristãs, como a católica.

Outro ponto é o crescimento do protestantismo no Brasil (CUNHA, 2004), conseguindo se adaptar a diversas realidades culturais e sociais; desta forma, o aumento da população evangélica possibilita uma base eleitoral sólida e influente. A mobilização política também é um importante fator, uma vez que líderes evangélicos desempenharam papel ativo em campanhas a favor de Bolsonaro durante a disputa presidencial de 2018 (MARIANO; GERARDI, 2019). É importante ainda citar que vários ministros evangélicos foram nomeados por Bolsonaro em

seu governo, fortalecendo a conexão entre igreja evangélica e bolsonarismo (AVRITZER; KERCHE; MARONA, 2021). Esses ministros traziam suas perspectivas religiosas para o governo, influenciando em políticas públicas. Outras pesquisas (GRACINO JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021; BRIZUENA, 2021) mostram que os evangélicos, e a população cristã de uma forma geral, por diversas razões, representam uma parte significativa do conservadorismo político no Brasil. Isto é, esses grupos já existiam e tinham interesses e projetos próprios antes do Bolsonarismo existir, mas nesse último encontraram semelhanças e ganharam força, em um processo mútuo de fortalecimento.

Neste contexto, surgem as *fake news* e as pós-verdades, isto é, narrativas que são acolhidas como verdade para modelar a opinião pública, mesmo que não estejam de acordo com a realidade factual. Ainda, apelam para emoções e crenças pessoais em prejuízo aos fatos, são ferramentas discursivas capazes de reforçar medos e crenças no que se diz em detrimento da crença na ciência (FANTINI, 2016; ROTONDANO; MARTINI, 2021). Estes recursos vêm sendo amplamente utilizados por lideranças conservadoras e religiosas pelo mundo (WHITEHEAD; PERRY, 2020). O caso brasileiro é caracterizado por pastores evangélicos e pelo governo Bolsonaro, tendo desencorajado a confiança da população nas vacinas e na ciência, além de incitarem as pessoas a não respeitar as medidas de contenção ao coronavírus, prejudicando principalmente as populações mais vulneráveis (SANTOS et al, 2020; ROTONDANO; MARTINI, 2021; GUERREIRO; ALMEIDA, 2021). Entretanto, por mais que o movimento antivacina no Brasil tenha ganhado impulso devido a esse contexto político, não se trata de um fenômeno recente. Exemplo disso é a Revolta da Vacina durante a campanha contra a varíola em 1904, que foi um motim popular, acontecido na cidade do Rio de Janeiro, no qual a população protestou contra a campanha de imunização contra a varíola (SEVCENKO, 1984). Levantamentos históricos apontam para as raízes desse movimento, ao redor do globo, no contexto das epidemias de varíola, século XIX, marcado pelo surgimento da primeira liga antivacina de que se tem conhecimento no mundo, no Reino Unido, a Sociedade de Londres para a Abolição da Vacinação Obrigatória, fundada em 1880, e logo depois, em 1896, tornando-se a Liga Nacional Anti-Vacinação (WOLFE; SHARP, 2002; FICHMAN; KEELAN, 2007; PINTO JUNIOR et al, 2019). Posteriormente, no término dos anos 1990, um estudo publicado pelo pesquisador inglês Andrew Wakefield tentou estabelecer uma relação entre a vacina tríplice com o aumento no número de casos de autismo. A comunidade científica não apoiava o estudo que, posteriormente, foi comprovado como fraude (HUSSAIN et al, 2018; KOLODZIEJSKI, 2014).

Na contemporaneidade, uma das possíveis explicações para a descrença, por parte da população anti-ciência, é que os Estados se viram sem saída para o caos que fora instalado. O

máximo possível a ser feito em um primeiro momento, foi pedir para as pessoas ficarem em casa. Isto é, o COVID-19 representou uma crise na reputação dos Estados modernos, dentre tantas outras estruturas que o vírus também ameaça (CARLETTI; NOBRE, 2021). Outro ponto que talvez explique a hesitação vacinal é a aparente rapidez com que a vacina para o coronavírus foi produzida se comparada com outras, como as vacinas de poliomielite e catapora, que levaram quatro décadas para conclusão de seus respectivos processos. Enquanto o vírus do COVID-19 foi identificado em 2019 e em menos de um ano, já existia vacinas desenvolvidas por grandes laboratórios farmacológicos, causando uma certa surpresa no público (SILVA et al, 2021). Entretanto, o Instituto Butantan (S.D.) chama atenção para o equívoco de achar que o trabalho para produzir a vacina começou no início da pandemia. Levando em consideração o tempo em que a tecnologia para combater o vírus foi desenvolvida, são pelo menos 20 anos. Desde 2003, quando o primeiro surto global envolvendo um coronavírus aconteceu (existe mais de um tipo), a tecnologia para combater a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) já estava em curso.

Talvez com maior disseminação dessa informação, a vacina do COVID-19 não teria causado tanta desconfiança. No entanto, na era da pós-verdade, os interesses privados ficam cada vez mais latentes na contramão da ciência, e os conflitos de narrativas cada vez mais acentuados, tornando o acesso à informação paulatinamente mais precário. Prova disso é o caso das possíveis ligações entre companhias farmacêuticas e o governo Bolsonaro (BASSANI; FABRIS; JUNIOR, 2021), no qual esse último recomendou o uso indiscriminado de remédios para tratar o coronavírus, sem comprovação científica.

Além disso, os Estados modernos também não conseguem garantir os direitos básicos às suas populações. Especialmente o Brasil, vem apresentando violações generalizadas de direitos humanos ao longo de sua história (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022). Esse conjunto de fatores representam uma crise política, econômica e institucional. Com tais características, o caso brasileiro representa uma complexa dinâmica entre os atores religiosos, suas contrapartes na estrutura do Estado, e os interesses de ambos, fazendo com que a distinção entre eles seja difícil de identificar. Considerando que esses atores, com frequência, compartilham dos elementos partidário e religioso, influenciando diretamente no processo de tomada de decisão que acarretou na flexibilização das medidas restritivas no país (CARLETTI; NOBRE, 2021).

Fundamentais para entender o Estado e a política contemporânea, as teorizações acerca do conceito de Estado de exceção se mostram úteis, expondo incoerências diversas do direito e da democracia, explicando que, paradoxalmente, a suposta exceção é, na verdade, a regra (BENJAMIN, 1986; 2013; SCHMITT, 2006; 2008; AGAMBEN, 2004; 2007). Em outros termos,

as instituições da estrutura estatal comumente justificam a violência, a arbitrariedade e a suspensão de direitos, em favor da segurança e da concentração de poder. A esse propósito, Benjamin (2013) aponta que é necessário ver o capitalismo como uma religião, demonstrar que ele não é somente um sistema influenciado por ela, como aborda Weber (2004) em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, mas um fenômeno intrinsecamente religioso. Esse raciocínio vai ao encontro da crítica às dicotomias estabelecidas pelo secularismo já mencionadas anteriormente (CAVANAUGH, 2009; KAYAOGLU, 2010).

Neste seguimento, é aparente que o COVID-19 afetou diferentes grupos da sociedade desproporcionalmente. Dessa forma, Burgess e demais pesquisadores (2021) apontam que a hesitação vacinal pode vir também em reação a isso, tendo em vista que as pessoas estão sendo cobradas a confiar nas mesmas estruturas que foram negligentes com elas, faltando com recursos e proteção social adequada durante a pandemia. É a partir disso que a religião se mostra como uma alternativa mais atraente do que o Estado, mesmo que a separação entre ambos seja difusa.

Em vista disso, o governo brasileiro recomendou uma espécie de 'kit': medicamentos sem comprovação científica para o tratamento de COVID-19, como cloroquina ou hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina, levando a um aumento indiscriminado do uso desses pela população brasileira, o que representa prejuízos diversos à saúde das pessoas (BASSANI; FABRIS; JUNIOR, 2021). Em consequência da negligência do governo e outras instituições da sociedade brasileira, o Brasil havia acumulado mais de seiscentas mil mortes por efeitos diretos da COVID-19 até agosto de 2022 (JHU, 2022).

OS DISCURSOS NEGACIONISTAS DO PASTOR MALAFAIA E O ALINHAMENTO COM BOLSONARO

Observando o cenário, o presidente Bolsonaro subestimou e assumiu uma posição negacionista diante da pandemia de coronavírus desde seu início no Brasil. Em diversas vezes, por meio de suas falas, demonstrou desprezo pela ciência e insensibilidade diante das vidas perdidas. As colocações de líderes evangélicos também apresentavam o mesmo raciocínio. Além disso, o contexto caracteriza-se por um conflito entre as posturas de governos municipais e estaduais contrários aos posicionamentos do governo federal e de sua base religiosa, em relação à proibição do funcionamento de estabelecimentos, dentre eles as igrejas, para conter a disseminação do vírus (ORO; ALVES, 2020; VICENTE; FRANCO, 2021; GUERREIRO; ALMEIDA, 2021).

CC BY NC SA

Dessa forma, a partir da premissa de que existe uma convergência narrativa entre as afirmações de Bolsonaro e líderes evangélicos em relação à pandemia de coronavírus no Brasil, este estudo tem como propósito realizar uma análise crítica dos discursos de Silas Malafaia durante o ano de 2021. Diante desse contexto, a questão central é entender como Bolsonaro e figuras religiosas, especificamente o pastor Malafaia, utilizaram o negacionismo científico e o nacionalismo religioso como estratégias para preservar estruturas de poder e exercer influência sobre a opinião pública.

Neste sentido, algumas das declarações proferidas pelo dirigente geral do país foram: "Não há motivo para pânico" [...]; "Estão superdimensionando o poder destruidor deste vírus" [...]; "Outras gripes mataram mais do que essa" [...]; "Depois da facada não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar" [...]; "Infelizmente algumas mortes terão. Paciência" [...]; "É a vida. Todos nós iremos morrer um dia" [...]; "E daí? Eu sou messias, mas não faço milagre" [...]; "Vai morrer muitos (em razão do vírus) mas muito mais se a economia continuar destroçada por essas medidas (de isolamento social)" [...]; "A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo" (BOLSONARO *apud* ORO; ALVES, 2020, p. 129).

A situação apresenta interesses políticos de manutenção de poder de ambas as partes, e, em um primeiro momento, interesses econômicos por parte dos representantes religiosos, uma vez que a arrecadação do dízimo parecia ser a principal preocupação (CARLETTI; NOBRE, 2021). Entretanto, desdobramentos posteriores, como a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID-19, apontaram para possíveis casos de corrupção entre o governo Bolsonaro e empresas privadas. Um dos propósitos investigativos desta CPI focou no possível superfaturamento na produção dos remédios propagados pelo presidente, além do recebimento de mais de 3 milhões de comprimidos de cloroquina enviados pelos Estados Unidos (EUA), em 2020, sendo que o Brasil já contava com um estoque de reserva do medicamento (BASSANI; FABRIS; JUNIOR, 2021).

Um detalhe essencial a essa negociação com os EUA, é que Trump, na época presidente estadunidense, também defendia abertamente o uso de medicamentos alternativos no tratamento do coronavírus. Além dessas relações em torno do uso impróprio de medicamentos com o país norte-americano, Bolsonaro já apresentava um histórico de diversas posturas de alinhamento e subordinação a Trump (VIDIGAL, 2019; MEYER, 2020; BASSANI; FABRIS; JUNIOR, 2021). Ainda, o plano do governo federal era destinar verbas para o "kit Covid", cerca de duzentos e cinquenta milhões de reais (VARGAS, 2020). Com esse valor, seria possível imunizar mais de sete milhões de pessoas com a vacina AstraZeneca, por exemplo. Diante de todos esses acontecimentos, é aparente uma possível relação de corrupção do governo federal com companhias privadas (BASSANI; FABRIS; JUNIOR, 2021).

CC BY NC SA

Outro fator para entender o cenário, é que a dicotomia ciência versus religião também representa um paradigma antigo, no qual uma maior credibilidade na ciência implicaria numa suposta diminuição da fé religiosa. Ainda, Harrison (2007) aponta para o caráter moderno presente tanto na formação desses dois conceitos, quanto na relação construída de ambos. Além disso, Mariano e Oro (2011) observam que é comum aos evangélicos instrumentalizar seu poder político partidário, eleitoral e parlamentar para fins particulares, tais como obter recursos públicos para suas obras sociais, isenção do pagamento de impostos e cargos públicos.

À vista disso, o pastor Silas Malafaia (2021a) questionava em vídeo, no seu canal do YouTube, se o povo brasileiro iria "virar cobaia (sic)" da vacina, acusando a esquerda de politizar a situação pandêmica devido à obrigatoriedade da vacina e estimulando a hesitação vacinal nas pessoas. No mesmo raciocínio e contexto, a fala de Bolsonaro (2020), em sua página oficial no Facebook, também dizia que "O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM (sic)". Então, é possível observar um alinhamento entre as narrativas. Neste raciocínio, Wodak (2003) aponta que são raras as ocasiões em que um texto é obra de uma única pessoa, pois nas falas citadas, é possível observar uma convergência de ideias entre Malafaia e Bolsonaro, não apenas na fala explícita em negação à ciência, mas também no que está implícito, por essas figuras compartilharem de projetos políticos e posições de poder semelhantes, e que podem se fortalecer atuando em conjunto.

Para além do modelo de análise tridimensional do discurso, Fairclough (2003), baseado na ADTO, trata da característica semiótica da ordem social, a qual é uma ordem do discurso. Esta é constituída por elementos-chave que se relacionam dialeticamente, não sendo partes isoladas, são eles: atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, valores culturais, identidades sociais, consciência e semioses. Neste sentido, as práticas sociais constituídas, em redes concretas, são construtoras de uma ordem social. Com relação a isso, o líder religioso Malafaia (2021b) questiona, em outro vídeo, as medidas de restrição ao coronavírus, dentre elas a proibição dos cultos, afirmando se tratar de uma perseguição religiosa e uma consequência da ineficiência da quarentena, citando também que as máscaras foram utilizadas tardiamente:

> Se dependesse dessas quarentenas aí, sei lá, se dependesse disso aí era para no Brasil ter morrido milhares e centenas e centenas de centenas de milhares de pessoas. Tudo de araque, tudo de araque, que até hoje tá tudo cheio, tudo lotado, ônibus lotado, tudo aí. Ninguém tem distanciamento, o distanciamento só vale para a igreja, só vale para a religião. [...] Máscaras só se utilizaram a partir de 15 de maio de 2020 e outra nas comunidades carentes não teve comércio fechado, não "teve" distanciamento, não teve máscaras, só no Rio de Janeiro tem mais de três milhões

> de pessoas vivendo em comunidades carentes. [...] O que me deixa indignado hoje, é que tem prefeito estabelecendo número de pessoas em cultos de diversas religiões. Só podem 20 ou só podem 30. Aí eu pergunto: tem número limitado dentro de mercado? Só 30 pessoas? Dentro de bancos, só 30 pessoas? Dentro de um ônibus, só 30 pessoas? Não. Puro preconceito e perseguição religiosa (MALAFAIA, 2021b, informação verbal).

Como já pontuado anteriormente, a abordagem tridimensional de Fairclough (1989; 2001) compreende a análise do texto, da prática discursiva e da prática social. No que concerne à análise textual, esta engloba o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Assim, também como base a ADTO e sua ênfase textual (Fairclough, 2003), a fala de Malafaia apresenta desprezo, no trecho que o ele diz "se dependesse dessas quarentenas aí, sei lá (sic)" (MALAFAIA, 2021b), em uma tentativa de desqualificar a importância das medidas isolacionistas. Ainda, para reforçar o que está sendo dito, o pastor usa de ligações entre as frases, recorrendo a palavras de mesmo campo semântico e ferramentas de referência e repetição, como as comparações com outras situações em que as pessoas estão expostas à aglomeração. A "religião" aparece como uma espécie de sinônimo para "igreja" na fala: "o distanciamento só vale para a igreja, só vale para a religião (sic)" (MALAFAIA, 2021b).

Quanto à prática discursiva, essa é caracterizada como mediadora entre o texto e a prática social, e é referente aos processos de distribuição, produção e consumo do texto, os quais são interligados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. As categorias força, coerência e intertextualidade (FAIRCLOUGH, 1989; 1995; 2001; 2003) fazem parte dessa seara. Fairclough (2003) denomina como intertextualidade a análise da ligação do texto com outros textos, como elementos de outros objetos são incorporados no texto em análise. Além do mais, a intertextualidade está ligada à noção de pressuposto, ou seja, os textos se relacionam a significados pré-concebidos lidos, pensados e ouvidos. Os pressupostos conectam textos diversos. Assim, observa-se que a força (capacidade do texto persuadir, influenciar ou exercer poder), coerência (implicações interpretativas do texto, organização das ideias, estratégias para convencer o público) e intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2003) se manifestam no discurso de Malafaia (2021b), por inferências e conexões da suposta 'perseguição religiosa', feitas por meio da comparação entre a proibição dos cultos religiosos com outras atividades que não estavam sendo atingidas pelos decretos. O exemplo citado é o comércio funcionando normalmente.

Destarte, a linguagem (prática discursiva) é usada para constituir uma identidade coletiva, isto é, uma prática social que é constituída socialmente, mas também é constitutiva de identidades sociais, relações sociais, conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001,

CC BY NC SA

2003). Em virtude disso, Malafaia (2021b), em sua fala, chama atenção para o elemento que une os evangélicos: a tentativa de parar ou limitar os cultos religiosos, com a contradição da ordem social, na qual as pessoas teriam que continuar trabalhando e se submetendo a ambientes de aglomeração. No entanto, em nenhum momento o pastor pede pelo fechamento dos estabelecimentos comerciais. O seu apelo é para que as igrejas sejam incluídas enquanto uma atividade essencial, para que as medidas restritivas no cenário pandêmico não sejam válidas para elas. Assim, reforça a dicotomia imposta pela ordem econômica e propagada por Bolsonaro, no qual as pessoas não poderiam parar de trabalhar, pois se o fizessem, morreriam de fome ao invés de COVID-19 (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021).

Neste mesmo raciocínio, Caponi (2020) frisa que as posturas de Bolsonaro e dos líderes religiosos que o apoiam representam uma convergência com a lógica neoliberal, na qual a manutenção da economia capitalista é mais importante do que vidas humanas. A autora também pontua que o neoliberalismo produz modos de ser de um sujeito, no qual as pessoas reivindicam a liberdade de assumir riscos, mesmo que não faça sentido do ponto de vista racional, ou perpasse acima do interesse coletivo. A individualidade é produzida de maneira que cada um é responsável por seus sucessos e fracassos, sem relação alguma com o Estado.

Em consonância, Fairclough (2003) após reflexões acerca da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), propõe três dimensões para a pesquisa social: modos de agir (caracterizados pelo significado de ação); modos de representar (caracterizados pelo significado de representação); e, modos de ser (caracterizados pelo significado de identificação). Portanto, as práticas e interações sociais ocorrem por meio dos gêneros discursivos, que são compartilhados pelas pessoas e acionados nas práticas discursivas. Assim, o pastor fala de um ambiente institucional específico, elemento constitutivo da prática discursiva (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003), no qual a igreja evangélica detém poder de influência significativo em uma parte considerável da população brasileira. Tendo em vista a influência dos discursos religiosos, alinhados ao conservadorismo, na campanha presidencial de 2018 no Brasil (ARRUDA, 2020). Além disso, a origem de sua fala não se restringe a esse âmbito institucional, mas ao político e econômico também, assim como Fairclough (1989, 1995, 2001, 2003) relaciona ao elemento textual em direção a ação, representação e identificação. Malafaia representa uma elite política-religiosa-empresarial, sendo ele empresário, dono da editora *Central Gospel* e do programa de TV *Vitória em Cristo* (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021).

Ainda quanto à linguagem, esse ponto mira a questão dos pressupostos ideológicos, elemento constitutivo das ordens e força do discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003), presentes nas falas do líder evangélico, tanto pela convergência com a postura do ex-presiden-

te, quanto pela instituição que Malafaia simboliza. Também, suas convicções ficam mais evidentes nas falas a seguir, no qual a intertextualidade e interdiscursividade (coerência), ou seja, relações dialógicas entre textos e ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003) estão presentes. Visto que há um alinhamento entre os discursos do pastor e do presidente. Além disso, Malafaia é um apoiador ferrenho de Bolsonaro desde sua candidatura (MELO, 2019). Desta maneira, a próxima citação denuncia uma suposta campanha manipuladora em curso, contra a reputação do presidente Bolsonaro, devido às suas posturas frente o cenário pandêmico.

> Na verdade, Globo, Jornal Nacional, Veja, Folha e Estadão tinham que pedir perdão ao povo brasileiro por "politizarem" a pandemia de maneira vergonhosa, produzindo o pânico do povo que gerou consequências gravíssimas. [...] Terror, Terror. Pânico, morte, só por causa do presidente. O ódio ao presidente porque perderam a mamata de bilhões. Perderam bilhões e querem destruir o cara a qualquer preço a qualquer custo (MALAFAIA, 2021b, informação verbal).

Também é possível observar tentativas de inversão na lógica da realidade, pois, novamente, Silas acusa a imprensa e partidos de esquerda do que ele faz: politizar o vírus e a pandemia. O pastor, por intermédio de recursos linguísticos como reiteração de palavras e vocábulo acusatório que imputa culpa, representa uma relação de poder e luta por uma narrativa hegemônica, a fim de manter a estrutura político-econômica que o beneficia (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003; WODAK, 2003). Ainda, é possível observar que a coesão da citação anterior, contou com a estratégia da repetição de palavras "Terror, Terror (sic)". A coesão determina a arquitetura do texto, sendo parte crucial em seu processo de formação ideológica (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003). Também é aparente uma tentativa de minimizar a gravidade da situação, ao tentar reduzir os fatos a uma mera questão de oposição e perseguição partidária no trecho: "(...) só por causa do presidente. O ódio ao presidente porque perderam a mamata de bilhões." (MALAFAIA, 2021b). Além disso, o uso da palavra "mamata" (sic) (Ibid.) é uma forma de debochar de empresas e pessoas que supostamente se beneficiavam dos governos anteriores, sem qualquer comprovação de que isso ocorria.

> E Bolsonaro? Aí é que a coisa ficou feia. Politizaram o vírus, a imprensa e os partidos de esquerda, por causa das posições do Bolsonaro. Lembra que Bolsonaro também foi contra isso? Dizendo, olha vai gerar uma catástrofe econômica que vai ser pior do que o coronavírus no Brasil. [...] Bolsonaro na pandemia fez a maior distribuição de renda do mundo em proporção com o PIB. Você viu isso onde? Leu isso onde? Isso é uma vergonha, minha gente. Isso é uma tremenda de uma safadeza da imprensa "graneira" que perdeu dinheiro e quer derrubar o presidente, só que tem uma coisa, o povo está com o presidente (MALAFAIA, 2021b, informação verbal).

Ideologia, crítica e poder são elementos básicos para a ACD de Fairclough (1989; 1995; 2001; 2003), na qual a linguagem classifica e expressa o poderio. Esses fatores se manifestam nos discursos para estabelecer ou conservar relações de dominação, econômicas e políticas (WODAK, 2003). Nessa lógica, Malafaia (2021b) traz informações, sem citar quaisquer fontes, para defender o governo Bolsonaro em: "Bolsonaro na pandemia fez a maior distribuição de renda do mundo em proporção com o PIB (sic)" (MALAFAIA, 2021b). Na fala a seguir, é aparente a vinculação entre política e religião, um exemplo da reversão do secularismo na contemporaneidade (SNYDER, 2011; SHAH; PHILPOT, 2011; BECH; SNYDER, 2011). Há um apelo que convoca diretamente a população cristã, evangélicos e católicos:

> Quero conclamar evangélicos e católicos que se na sua cidade tem um desses prefeitos que adota essas medidas (restritivas) só para as religiões, não votem nesses camaradas porque isso não tem nada de ciência. [...] Eu falei, faz uns tempos atrás que nem presidente, nem governador, nem prefeito iam fechar a Igreja que eu sou pastor. [...] Eu vou terminar minha fala aqui com o seguinte: não tem nada a ver com pandemia, mas vou deixar esta aqui. Olha, uma conferência que o ministro Barroso participou falando em inglês, que o instituto Fernando Henrique promoveu. Olha o que esse cara fala de Bolsonaro [Print de uma chamada jornalística com a frase: "Temos um presidente que defende a tortura e a ditadura"] isso é uma vergonha, se um cada desses aqui tivesse leis seria esse cara seria impedido de ser ministro. Que moral tem um cara desses para julgar a chapa de Bolsonaro no STE? Nenhuma! (MALAFAIA, 2021b, informação verbal).

É notável na citação anterior, a conexão entre texto e prática social, essa ligação caracteriza a prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2001). É possível observá-la quando o pastor apela para os seus seguidores não votarem nos políticos que apresentavam posturas de acordo com os protocolos de segurança referentes à pandemia. Essa postura reforça a conduta presidencial, destacando o embate entre os poderes instituídos nos âmbitos locais e estaduais em contraposição ao nível federativo. Assim, quanto à coesão, elemento da analise textual (FAIRCLOUGH, 2001), é possível observar a ênfase que Malafaia (2021b) coloca no seu pensamento, mediante repetição de termos para convencer o ouvinte: "Eu falei, faz uns tempos atrás que **nem** presidente, **nem** governador, **nem** prefeito iam fechar a Igreja que eu sou pastor (sic, grifo nosso)".

De acordo com Fairclough (2001), a prática social atua como agente passiva e ativa nos processos de produção e interpretação, ou seja, ela forma, mas também é formada por esses mecanismos. Neste sentido, a etapa de produção, enquanto é formulada, deixa vestígios no texto, no qual a análise interpretativa trabalha a partir das pistas deixadas (FAIRCLOUGH, 2001). Portanto, quando Malafaia (2021b) diz "porque isso não tem nada de ciência (sic)", sua

CC BY NC SA

fala é caracterizada como uma tentativa de convencimento para os cristãos que ainda acreditam na ciência, mas também escutam o que é pregado por ele. Ainda, quando critica o apontamento de Bolsonaro defender a ditadura, é aparente que o pastor tem um posicionamento e lado político-ideológico. De modo particular, a ACD de Fairclough (1989; 2001) ainda chama atenção para a análise discursiva como um meio de empoderamento e transformação social, uma vez que ela pode proporcionar uma compreensão mais holística e esclarecida da vida e dos fenômenos sociais.

CONCLUSÕES

Só foi possível o Estado liberal/moderno efetivar a implementação de seu modelo no sistema internacional a partir da conceituação contemporânea de religião, que consistia na separação desse elemento em relação à política. Assim, a fidelidade à religião permanece na dimensão privada, e, portanto, opcional; enquanto a lealdade ao Estado-nação secular é obrigatória (CAVANAUGH, 2009). Em seguida, trabalhos (SNYDER, 2011; SHAH; PHILPOT, 2011; BECH; SNYDER, 2011) apontaram para a negligência com o ente religioso enquanto objeto de estudo. O legado secularista convenceu a todos que esse não era um fator relevante em categorias de análise, mas com a modernidade, por meio do que se classificava como terrorismo e novamente, com os impactos de uma pandemia mortal, se tornou impossível ignorar a influência do elemento religião na política e nos processos sociais.

A partir das contribuições de Fairclough (1989; 1995; 2001; 2003), é observado que os discursos analisados neste trabalho não representam apenas uma forma da realidade social e política, na qual a população brasileira se encontra. Assim, a linguagem pode ser um meio de força social e de dominação. Além de construírem um mundo em significado, esses eventos discursivos servem de instrumento para construir uma identidade única, fazendo uso de um nacionalismo religioso, um sistema de conhecimento, crenças e relacionamentos interpessoais. Portanto, a postura do governo Bolsonaro diante da pandemia de COVID-19 estava alinhada com a narrativa do Pastor Malafaia, e vice-versa. Isto foi possível observar por meio dos elementos em comum em seus discursos, do negacionismo científico e nacionalismo religioso que ambos compartilham. Este conjunto de atos discursivos, entre o pastor e o então presidente são caracterizados como tentativas de influência na opinião pública, para minimizar a importância das medidas de contenção ao coronavírus e da credibilidade da comunidade científica internacional.

CC BY NC SA

Em uma sugestão para lidar melhor com esse tipo de cenário, um estudo (BURGESS et al, 2021) aponta para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, que veja o movimento antivacina como um fenômeno religioso e não como uma manifestação exclusivamente extremista e reacionária. Entretanto, essa proposta é direcionada às pessoas que são coagidas por quem se beneficia e conserva as estruturas de poder. Visto que uma parte significativa da população pode não ter uma visão suficientemente clara dos acontecimentos sociais e, por isso, são instrumentalizadas por quem compreende o cenário factual, mas produz uma narrativa a favor de seus interesses particulares. Assim, seria possível evitar a marginalização de indivíduos, que por um momento, estejam descrentes frente à estrutura estatal e política, dado que essas foram as mesmas instituições que falharam em garantir seus direitos básicos. Desta maneira, será possível entender sua complexidade e mitigar o aumento das atividades antivacinas e desconfiança diante dos imunizantes.

Entendendo o contexto social de adesão à hesitação vacinal e ao movimento supracitado, é notável que existe uma relação entre direitos assegurados, e qualidade de vida, com uma maior confiança nas vacinas. Neste sentido, estudos mostram que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o elemento mais significativo, na capacidade de ser um ente construtor, na desconfiança em relação aos imunizantes, e não o fator religioso (TREPANOWSKI; DRĄŻKOWSKI, 2022; ERIKSSON; VARTANOVA, 2022). Então, garantir um Estado de bem-estar social às pessoas parece ser mais eficaz do que direcionar esforços apenas para desmentir notícias e informações falsas. Essas ações são importantes, mas parecem ainda insuficientes ou incapazes de atacar a raiz dos problemas em questão.

Portanto, os jornais e veículos midiáticos que se dedicam ao '*fact-checking*' (ato de conferir se uma informação propagada por alguma figura pública é verdadeira) (SPINELLI; SANTOS, 2018), deveriam investigar, de forma aprofundada, por quê narrativas são produzidas, ao invés de apenas verificar se uma declaração é verídica. Neste sentido, os métodos e teorias propostos por Norman Fairclough (1989; 1995; 2001; 2003) se mostram úteis, levando em consideração que podem proporcionar uma leitura mais crítica acerca dos discursos dominantes e do *status quo*, elucidando questões que, em uma primeira análise, pareçam ainda bastante difusas devido as intertextualidades, mais o que possa estar subliminar nas diferentes narrativas.

Especialmente em relação ao movimento antivacina e à hesitação vacinal, é aparente que estes representam riscos à população, em relação à volta de doenças consideradas já erradicadas. A citar exemplos, os casos de Sarampo que vem aumentando gradativamente; doença já considerada eliminada no Brasil em 2016 (MACHADO; FERREIRA; DAMASCENO et al, 2020; SOARES, 2021).

Com o auxílio que as reflexões e ferramentas de análise de Fairclough (1989, 1995, 2001, 2003) proporcionam, outras pesquisas dentro das delimitações desse trabalho ainda podem ser feitas, como o modo em que outros discursos, de Malafaia e outras figuras religiosas, oferecem a fé e a religião como uma alternativa de consolo, acolhimento e até cura em substituição à ciência e aos imunizantes.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Tradução de Iraci Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Homo Sacer*: O Poder Soberano e a Vida Nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, p. 185-213, 2019.

ARRUDA, Jéssica De Abreu. Influência dos discursos religiosos evangélicos na campanha presidencial de 2018 no Brasil. Último Andar, v. 23, n. 35, 2020.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie. *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Autêntica Editora, 2021.

BASSANI, Ana Taís; FABRIS, Gabriela; JUNIOR, Sergio Simoni. SARS-COV-2: pandemia, negacionismo científico populista de extrema direita e a utilização off label de medicamentos. *Revista de Políticas Públicas*, v. 25, n. 1, p. 228-244, 2021.

BECH, Emily Cochran; SNYDER, Jack. Religion's Contribution to International Relations Theory. In: SNYDER, Jack. *Religion and International Relations Theory*. I. New York: Columbia University Press, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*: Escritos Escolhidos. Tradução de Celeste HM Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. *O anjo da história*. Belo Horizonte. Autêntica, 2013.

BRIZUENA, Daniel Andres Baez. Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro. *Caderno Intersaberes*, v. 10, n. 28, p. 179-197, 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. *Facebook.* 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/jair-messias.bolsonaro/posts/2146049442210697. Acesso em: 05 ago 2022.

BURGESS, Rochelle Ann et al. The COVID-19 vaccines rush: participatory community engagement matters more than ever. *The Lancet*, v. 397, n. 10268, p. 8-10, 2021.

BURITI, Maria Carolina. Hospital Moriah, do grupo da Igreja Universal, é inaugurado em SP. *Saúde Business*. 2015. Disponível em: https://www.pptasaude.com.br/noticias/1791/hospital-moriah-do-grupo-da-igreja-universal-e-inaugurado-em-sp/. Acesso em: 14 dez 2020.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos avançados*, v. 34, p. 209-224, 2020.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio. A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 13, n. 39, 2021.

CAVANAUGH, William T. *The Myth of Religious Violence*: Secular Ideology and the Roots of Modern Conflict. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CIOTTI, Marco et al. The COVID-19 pandemic. *Critical Reviews in Clinical Laboratory Sciences*, v. 57, n. 6, p. 365-388, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.27.2004.tde-29062007-153429. Acesso em: 10 out. 2023.

DA SILVA, Mauricio Roberto; PIRES, Giovani De Lorenzi; PEREIRA, Rogerio Santos. O necroliberalismo, bolsonaro 'vírus mental' e a pandemia da COVID-19 como casos de saúde pública: o real resiste?. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. 1-18, 2020.

DE MATOS, Maurílio Castro. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da COVID-19. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 35, p. 25-35, 2021.

ERIKSSON, Kimmo; VARTANOVA, Irina. Vaccine confidence is higher in more religious countries. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v. 18, n. 1, p. 1-3, 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.

_____. *Critical Discourse Analysis*. London: Longman, 1995.

_____. *Discurso e Mudança Social.* Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research.* London: Routledge, 2003.

FANTINI, João Angelo. Pós-verdade ou o triunfo da religião?. *Leitura Flutuante - Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, v. 8, p. 22-23, 2016.

FERIGATO, Sabrina et al. The Brazilian Government's mistakes in responding to the COVID-19 pandemic. *The Lancet*, v. 396, n. 10263, p. 1636, 2020.

FICHMAN, Martin; KEELAN, Jennifer E. Resister's logic: the anti-vaccination arguments of Alfred Russel Wallace and their role in the debates over compulsory vaccination in England, 1870–1907. *Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, v. 38, n. 3, p. 585-607, 2007.

FONSECA, André Dioney; DA SILVA, Silvio Lucas Alves. O Neoliberalismo em Tempos de Pandemia: o Governo Bolsonaro no contexto de crise da Covid-19. Ágora, v. 22, n. 2, p. 58-75, 2020.

FOX, Jonathan. Religion as an Overlooked Element of International Relations. *International Studies Review*, v. 3, n. 3, p. 53-73, 2001.

FRASER, Nicholas et al. Preprinting the COVID-19 pandemic. *BioRxiv*, p. 2020.05. 22.111294, 2021.

GALVÃO-CASTRO, Bernardo; CORDEIRO, Renato Sérgio Balão; GOLDENBERG, Samuel. Brazilian science under continuous attack. *The Lancet*, v. 399, n. 10319, p. 23-24, 2022.

GONÇALVES, Anderson Tiago Peixoto. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 17, n. 2, p. 275-300, 2016.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. "Os humilhados serão exaltados": ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, v. 23, p. 547-580, 2021.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19*. Religião & Sociedade*, v. 41, p. 49-74, 2021.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar.* 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HARRISON, Peter. "Ciência" e "Religião": Construindo os Limites. *Revista de Estudos da Religião*, v. 7, n. 1, p. 1-33, 2007.

HIBBARD, Scott. Religion, Nationalism, and the Politics of Secularism. In: *The Oxford Handbook of Religion, Conflict and Peacebuilding*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HUMAN RIGHTS WATCH. *World Report 2022*: Events of 2021. United States of America: HRW, 2022.

HUSSAIN, Azhar et al. The anti-vaccination movement: a regression in modern medicine. *Cureus*, v. 10, n. 7, 2018.

INSTITUTO BUTANTAN. A serviço da Vida. *A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde*. Governo do Estado de São Paulo. S.D. Disponível em: https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde. Acesso em: 22 jul. 2022.

JHU. COVID-19 Data Repository by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at *Johns Hopkins University*. Disponível em: https://arcg.is/0fHmTX. Acesso em: 02 ago. 2022.

JUERGENSMEYER, Mark. The Worldwide Rise of Religious Nationalism. *Journal of International Affairs*, p. 1-20, 1996.

_____. The global rise of religious nationalism. *Australian Journal of International Affairs*, v. 64, n. 3, p. 262-273, 2010.

KAYAOGLU, Turan. Westphalian Eurocentrism in International Relations Theory. *International Studies Review*, v. 12, n. 2, p. 193-217, 2010.

KING, Ursula. Introduction: Gender and the Study of Religion. In: KING, Ursula. *Religion and Gender*. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell Publishers, 1995.

KOLODZIEJSKI, Lauren R. Harms of hedging in scientific discourse: Andrew Wakefield and the origins of the autism vaccine controversy. *Technical Communication Quarterly*, v. 23, n. 3, p. 165-183, 2014.

LITTLE, David. Religion, Peace, and the Origins of Nationalism. In*:* OMER, Atalia; APPLEBY, R. Scott; LITTLE, David. *The Oxford Handbook of Religion, Conflict and Peacebuilding*. New York: Oxford University Press, 2015.

MACHADO, Luís Felipe Barbosa; FERREIRA, Nathália Máyra Dos Santos; DAMASCENO, Camilla Ribeiro et al. Recusa Vacinal e o Impacto No Ressurgimento de Doenças Erradicadas. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR*, v. 32, n.1, p. pp.12-16, 2020.

MALAFAIA, Silas. O Povo Brasileiro Vai Virar Cobaia? O Absurdo de Obrigar o Povo a Tomar Vacina Contra Covid. *Youtube – Silas Malafaia Oficial.* 2021a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PYf35XRRqOs. Acesso em: 05 ago 2022.

_____. Pr. Silas Malafaia - O Ódio a Bolsonaro e às Religiões em Tempo de Pandemia. *Youtube – Silas Malafaia Oficial***.** 2021b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u4xT-MUB_als. Acesso em: 05 ago 2022.

MARIANO, Ricardo; ORO, Ari Pedro. The Reciprocal Instrumentalization of Religion and Politics In Brazil. *Annual Review of the Sociology of Religion*, p. 245-266, 2011.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, n. 120, p. 61-76, 2019.

MACDONALD, Noni E. SAGE Working Group on Vaccine Hesitancy. Vaccine hesitancy: definition, scope and determinants. *Vaccine*, v. 33, n. 34, p. 4161-4, 2015.

MELO, Mônica Santos de Souza. Uma análise do aconselhamento “Por que você deve votar em Bolsonaro?”, do pastor Silas Malafaia, no canal do Youtube: produção e recepção de discursos nas redes sociais, sob a perspectiva semiolinguística. *Gragoatá*, v. 24, n. 50, p. 946-972, 2019.

MEYER, Peter J. *Brazil: Background and US relations*. Congressional Research Service, 2020. Disponível em: http://defenseassistance.org/primarydocs/160211_crs_br.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

MYLAN, Sophie; HARDMAN, Charlotte. COVID-19, cults, and the anti-vax movement. *The Lancet*, v. 397, n. 10280, p. 1181, 2021.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. *Sociedad y religión*, v. 30, n. 54, p. 121-147, 2020.

PAHO/WHO. Pan American Health Organization/World Health Organization. *Folha informativa sobre COVID-19.* 2021. Disponível em: www.paho.org/pt/covid19. Acesso em: 22 jul. 2022.

PINTO JUNIOR, Vitor Laerte et al. Antivacinação, um movimento com várias faces e consequências. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, v. 8, n. 2, p. 116-122, 2019.

PETITO, Fabio; HATZOPOULOS, Pavlos. The Return from Exile: An Introduction. In: PETITO, Fabio; HATZOPOULOS, Pavlos. *Religion In International Relations:* The Return from Exile. New York: Palgrave MacMillan. 2003.

PONCE, Daniela. The impact of coronavirus in Brazil: politics and the pandemic. *Nature Reviews Nephrology,* v. 16, n. 9, p. 483, 2020.

RIEFFER, Barbara. Religion and Nationalism. *Ethnicities*, 3(2), 215–242. 2003.

ROTONDANO, Ricardo Oliveira; MARTINI, Sandra Regina. Covid-19 Em Tempos De Pós-Verdade: O Dilema Das Vacinas E Dos Jacarés. *In*: MARTINI, Sandra Regina; ZALAZAR, Claudia. *Vacina como Medida Essencial de Combate À Pandemia:* Perspectivas de Direito Fraterno. Santa Cruz do Sul: Essere nel Mondo. 2021.

SANTOS, Márcia et al. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados*. v. 34, n. 99, p. 225-244, 2020.

SCHMIDT, Sebastian. To order the minds of scholars: The discourse of the peace of Westphalia in international relations literature. *International Studies Quarterly*, v. 55, n. 3, p. 601-623, 2011.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

_____. *O Conceito do Político / Teoria do Partisan.* Tradução de Geraldo de Carvalho. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina - Mentes Insanas em Corpos Rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SHAH, Timothy Samuel; PHILPOT, Daniel. The Fall and Rise of Religion in International Relations: History and Theory. In: SNYDER, Jack. *Religion and International Relations Theory*. I. Nova York: Columbia University Press. 2011.

SILVA, Kelly Dayanne Oliveira et al. Hesitação à vacina no período de isolamento na pandemia COVID-19. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 2, n. 7, 2021.

SNYDER, Jack. *Religion and International Relations Theory*. I. New York: Columbia University Press, 2011.

SOARES, Bianca Jacobe M. O reaparecimento das doenças erradicadas. *Guia Universitário de Informações Ambientais*, v. 2, n. 1, p. 43-44, 2021.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Alemida. Jornalismo na era da pós-verdade: fact--checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018.

TAVARES, Leonardo Pereira; DE OLIVEIRA JÚNIOR, Francisco Lima; MAGALHÃES, Marina. Análise dos discursos do Presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia: o coronavírus é só uma "gripezinha"?. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e609974469-e609974469, 2020.

THOMAS, Scott. Taking Religious and Cultural Pluralism Seriously: The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Society. In*:* PETITO, Fabio; HATZOPOULOS, Pavlos. *Religion In International Relations:* The Return from Exile. New York: Palgrave MacMillan. 2003.

TREPANOWSKI, Radosław; DRĄŻKOWSKI, Dariusz. Cross-National Comparison of Religion as a Predictor of COVID-19 Vaccination Rates. *Journal of Religion and Health*, p. 1-14, 2022.

VARGAS, Mateus. Saúde prevê gastar R$ 250 milhões para pôr 'kit-covid' em farmácias populares. Estadão. 2020. Disponível em: https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,saude--preve-gastar-r-250-milhoes-para-por-kit-covid-em-farmacias-populares,70003547892. Acesso em: 05 ago 2022.

VICENTE, Maximiliano Martin; FRANCO, Bruna de Mello. Religião e Negacionismo no Cenário da Pandemia da COVID-19. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 10, n. 2, p. 78-99, 2021.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. *Meridiano 47-Journal of Global Studies*, v. 20, 2019.

WAGNER, R. Harrison. *War and the State:* The Theory of International Politics. United States of America: University of Michigan Press, 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILSON, Peter H. *Europe's Tragedy:* A New History of the Thirty Years War. London: Penguin Books, 2009.

WHITEHEAD, Andrew L.; PERRY, Samuel L. How culture wars delay herd immunity: Christian nationalism and anti-vaccine attitudes. *Socius*, v. 6, 2020.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, p. 17-34, 2003.

WOLFE, Robert M.; SHARP, Lisa K. Anti-vaccinationists past and present. *Bmj*, v. 325, n. 7361, p. 430-432, 2002.

XAVIER, Getulio. Silas Malafaia lidera cruzada bolsonarista contra vacinação de crianças. *Carta Capital.* 2021. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/silas-malafaia-lidera-cruzada-bolsonarista-contra-vacinacao-de-criancas/. Acesso em: 05 ago 2022.

XYPOLIA, Ilia et al. Cypriot Muslims among Ottomans, Turks and two world wars. *Boğaziçi Journal*, v. 25, n. 2, p. 109-120, 2011.